

SAGUIS NO CAMPUS: PERCEPÇÃO AMBIENTAL E INFLUÊNCIA HUMANA NA DIETA E COMPORTAMENTO DE CALITRIQUÍNEOS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)

Gabrielly Santos Gonçalves¹

Denise Costa Rebouças Lauton²

Téo Veiga de Oliveira³

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo analisar a percepção dos frequentadores da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA) em relação aos grupos de *Callithrix* que habitam o *Campus*, bem como propor ações educativas que visem minimizar os impactos provenientes da relação humano-animal dentro do *Campus*. Foram realizadas observações preliminares e um questionário *online* foi aplicado, o qual foi respondido por um total de 317 pessoas. Diante das respostas, foi possível perceber que a falta de conhecimento dos participantes acerca da ecologia alimentar e comportamental dos calitriquíneos, bem como dos danos provocados pela interferência humana na sua alimentação, são precursores importantes no interesse em alimentá-los.

Palavras-chave: Percepção Ambiental; Relação Humano-Animal; Sagui.

Abstract: This study aimed to analyze the perception of the frequenters of the Feira de Santana State University (BA, Brazil) regarding groups of *Callithrix* and propose educational actions to minimize the impacts of human-animal interactions within the campus. Preliminary ethnographically inspired observations and an online questionnaire were conducted. A total of 317 people responded to this questionnaire. Based on the responses, it became evident that the participants' lack of knowledge about the feeding ecology and behavior of these species, as well as the damage caused by human interference in their diet, are significant factors driving their interest in feeding them.

Keywords: Environmental Perception; Human-Animal Relationship; Marmoset.

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: gabisgbio@gmail.com,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0333187869394091>.

² Instituto de Meio Ambiente de Morada Nova - IMAMN. E-mail: deniselauton@yahoo.com.br,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7932724541204701>.

³ Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: teo.oliveira@uefs.br,

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2309437734872412>.

Revbea, São Paulo, São Paulo, V. 20, Nº 2: 374-396, 2025.

Introdução

O crescimento populacional e a sua pressão exercida sobre os ecossistemas têm gerado impactos significativos na biodiversidade (Pinheiro *et al.*, 2023). A urbanização, as atividades agropecuárias e os incêndios florestais são considerados os principais responsáveis pela perda e fragmentação de habitats no Brasil (Rambaldi; Oliveira, 2003; Forest Declaration Assessment Partners, 2024), o que constitui uma grande ameaça à fauna e à flora silvestres (Primack; Rodrigues, 2001; Da Silva, 2024). Os efeitos destas atividades podem resultar na diminuição populacional, no isolamento e na extinção de espécies (Magnus; Caceres, 2012; Almeida, 2020), assim como na aproximação de animais silvestres às áreas urbanas (Sabbatini *et al.*, 2006).

O contato de humanos com animais silvestres, geralmente, é marcado por problemas ligados às zoonoses, ao furto de objetos e de alimentos, a atropelamentos e a tentativas de domesticação (Saito *et al.*, 2010; Aguiar *et al.*, 2011). Diversos estudos têm demonstrado ainda que primatas não-humanos que vivem próximos à presença humana são mais suscetíveis a desenvolverem problemas de saúde, como obesidade, diabetes, desnutrição, toxoplasmose, herpes, perda da arcada dentária e estresse (Valença, 2002; Pinto, 2006; Casagrande *et al.*, 2013).

No *Campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), é comum observar a interação dos seus frequentadores com pequenos primatas. Frequentemente, indivíduos de *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758) e *Callithrix penicillata* (É. Geoffroy, 1812) são encontrados próximos às lanchonetes, vasculhando lixeiras e sendo constantemente alimentados com recursos oferecidos pelos frequentadores, o que têm influenciado diretamente na sua dieta e em seu comportamento.

Também podemos observar que no *Campus* há ações que envolvem a sua expansão física e populacional, o que, conseqüentemente, têm constituído ameaças à flora e à fauna silvestres. Dentre estas ameaças, podemos destacar fiação elétrica exposta, atropelamentos, perda de habitat por queimadas, construções e aumento significativo na população de cães e gatos.

As espécies citadas, *C. jacchus*, conhecida popularmente como sagui-do-tufo-branco, e *C. penicillata*, conhecida como sagui-do-tufo-preto, possuem distribuições naturais distintas no Brasil. *C. jacchus* ocorre principalmente no bioma da Caatinga e na Mata Atlântica do nordeste brasileiro, com limites ao norte e a leste na costa atlântica e ao sul na margem norte do rio São Francisco. Já *C. penicillata* possui a maior área de distribuição do gênero *Callithrix*, abrangendo o Cerrado central e centro-oeste, com ocorrência também na Caatinga e áreas de contato com outras espécies no sul da Bahia e leste de Minas Gerais. Devido à introdução ilegal promovida pelo homem, ambas as espécies podem ser encontradas em outras regiões, impactando negativamente a fauna endêmica desses locais (Cunha; Vieira, 2004; Traad; Weckerlin, 2012; Reis *et al.*, 2015; Malukiewicz *et al.*, 2021).

Esses animais são considerados sociais e geralmente formam grupos com seis ou sete indivíduos (Auricchio, 1995; Rylands; Coimbra-filho; Mittermeier, 2009). A dieta dos calitriquíneos consiste basicamente em exsudato de árvores (resina vegetal ou “goma”) (70%), sementes, frutos, insetos, pequenos vertebrados e ovos de aves (Auricchio, 1995; Silva; Veríssimo; Borstelmann, 2011; Francisco; Silva; Boere, 2015).

Devido a essa diversidade alimentar, esses animais possuem um importante papel ecológico, contribuindo com a dispersão de sementes, recomposição florestal e controle da população de outros grupos, como os insetos, através da predação (Passamani; Rylands, 2000; Abreu *et al.*, 2016, Silva, 2018). Por isso, é fundamental que ações educativas/instrutivas sejam implementadas com o intuito de sensibilizar e orientar os frequentadores do *Campus* em relação aos grupos de saguis ali existentes, auxiliando assim na preservação dessas espécies.

Partindo dessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar a percepção ambiental dos frequentadores do *Campus* da UEFS em relação às espécies de calitriquíneos existentes em seu espaço e investigar de que maneira os frequentadores estão influenciando na dieta e no comportamento desses animais. Os resultados obtidos servirão como base para criar e sugerir propostas educativas que minimizem os impactos da pressão antrópica sobre esses indivíduos.

Metodologia

Área de Estudo

O estudo foi realizado com os frequentadores e ex-frequentadores do *Campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana, localizado na BR 116 Norte, na cidade de Feira de Santana, a 108 km de Salvador (Figura 1). Segundo informações obtidas através da Unidade de Infraestrutura e Serviços da UEFS, a área total do *Campus* é de 1.096.741,67 m² e, destes, 77.847,39 m² são ocupados. A maioria das edificações do *Campus* é organizada em sete módulos contendo salas de aula, laboratórios e setores administrativos e quatro lanchonetes distribuídas nos módulos ímpares, além dos prédios da administração central, restaurante universitário, dentre outros.

De acordo com Andrade e Santos (2006), o conjunto de caracteres tipográficos do município de Feira de Santana o coloca na posição de zona de transição entre o Agreste e o Semi-árido. Logo, a vegetação predominante dentro do *Campus* é de Caatinga, embora bastante degradada. O *Campus* também apresenta uma área com gramados e jardins. As áreas verdes do *Campus* da UEFS sofrem frequentes pressões devido ao avanço de ocupação e obras de infraestrutura que o mesmo vem experimentando.

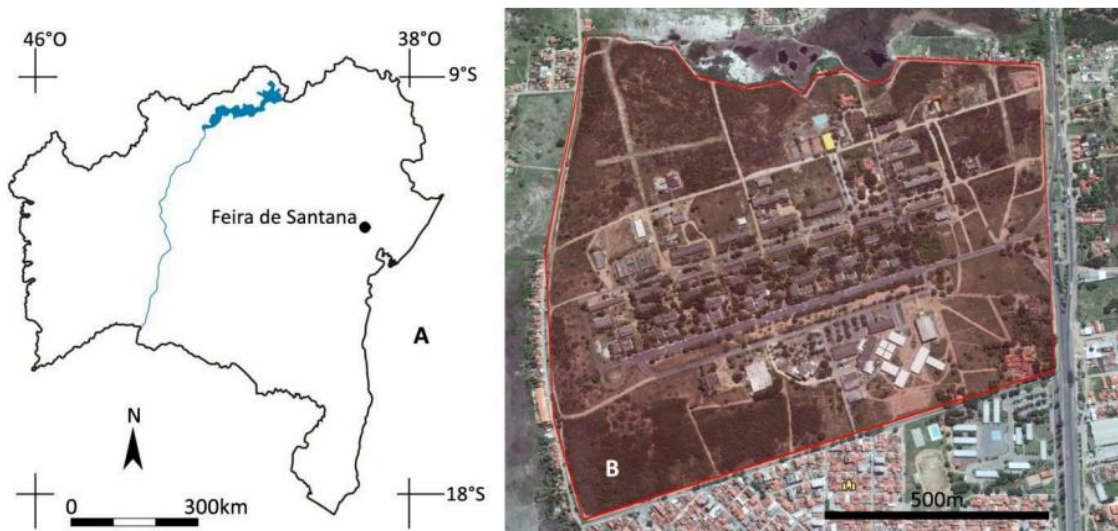


Figura 1: Localização geográfica do *Campus* da UEFS.

Legenda - A: Mapa do estado da Bahia destacando o município de Feira de Santana; **B:** Imagem aérea do *Campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana (no interior do polígono vermelho). Fonte: Google Earth.

Coleta de Dados

Em um primeiro momento, houve a circulação em campo para auxiliar na elaboração do questionário e na compreensão das problemáticas existentes dentro do *campus* universitário. Nesse processo, foram realizadas observações iniciais, acompanhadas de registros fotográficos, permitindo uma análise preliminar do ambiente e da relação entre as pessoas e a fauna que ocupa o *Campus*.

Para a análise da percepção dos frequentadores do *Campus* em relação aos grupos de saguis que o habitam, foi formulado um questionário exploratório diagnóstico (Apêndice A) contendo 15 questões. Destas, 13 foram objetivas e duas subjetivas. Para envolver uma maior quantidade de participantes, o questionário foi confeccionado e aplicado de forma *online* através do *Google Forms* (plataforma *online* gratuita de construção de formulários). Um *link* foi gerado e disponibilizado em diversos meios de comunicação (Instagram, Facebook e Twitter). Entre os meses de fevereiro e junho de 2021, o formulário ficou aberto para o seu preenchimento de forma anônima. Todas as informações obtidas através do formulário foram utilizadas apenas para fins acadêmicos e de divulgação científica.

A utilização dessa metodologia, por sua vez, pode apresentar vantagens e desvantagens. Quanto às vantagens, podem ser citadas a possibilidade de obter uma grande quantidade de dados em curto espaço de tempo, envolver um maior número de participantes e, devido ao anonimato e a forma *online*, dar às pessoas uma maior liberdade na elaboração de suas respostas. Como desvantagem, podemos destacar a restrição de público, já

que não pode ser aplicada a pessoas que não tem acesso à internet e/ou que são consideradas analfabetas digitais (Oliveira *et al.*, 2016; Gil, 2008).

Análise de Dados

Para realizar a análise dos dados obtidos através do formulário, as respostas foram exportadas do *Google Forms* em formato de planilha do *Microsoft Excel*, triadas, mantendo apenas as respostas dos participantes que responderam frequentar ou já ter frequentado o *Campus* da UEFS, já que o objetivo era considerar apenas informações referentes ao *Campus*. A análise de dados ocorreu de forma quantitativa (utilizando técnicas de estatística descritiva e distribuição de frequência) e qualitativa (visando a compreensão interpretativa das respostas dos participantes). Foi realizada a distribuição de frequência em todas as questões objetivas elencadas. Nas questões subjetivas, as frases foram transcritas *ipsis litteris*, com o intuito de complementar a compreensão das percepções avaliadas.

Resultado e discussões

O questionário *online* foi preenchido por 317 participantes com idade entre 16 e 45 anos. O percentual das categorias a qual pertencia o público que participou da pesquisa pode ser observado no Gráfico 1. Os cursos com os maiores números de participantes foram os de Ciências Biológicas (32%), Agronomia (22%), Engenharia da Computação (8%) e Psicologia (7%). A maioria dos participantes mencionou frequentar o *Campus* no turno Vespertino (46%) e Matutino (44,4%).



Gráfico 1: Percentual das categorias a qual pertencem os participantes da pesquisa.

Durante a primeira fase da pesquisa, diversas interações entre os grupos de saguis e os frequentadores do *Campus* foram observadas. Também foi possível avistar esses animais sendo alimentados com itens antropogênicos (Figura 2), vasculhando lixeiras à procura de itens alimentares e furtando alimentos (Figura 3), comportamento que reflete o observado por Artigas e Fischer (2019) em seu estudo, no qual destacam que animais em cativeiro também estão suscetíveis a atitudes humanas inadequadas, muitas vezes despercebidas pelos frequentadores dos zoológicos.

Os grupos de saguis pertencentes ao gênero *Callithrix* são frequentemente observados em ambiente natural, assim como em ambientes antropizados, pois ao longo da sua história de vida, conseguiram se adaptar muito bem às variações ambientais impostas (Secco; Grilo; Bager, 2018). Sobre esses indivíduos, nesta pesquisa, 14% dos participantes responderam que não sabiam nada sobre os mesmos, enquanto 86% responderam saber algo sobre esses animais. Desses, alguns foram pouco detalhistas, apenas classificando-os em “mamíferos” ou “primatas”, enquanto outros demonstraram ter um conhecimento mais aprofundado, dando detalhes de sua distribuição, dieta e ecologia. Algumas das respostas dos participantes estão inseridas abaixo, na íntegra:

“Apenas que vivem em grupos e se deslocam pelas árvores”

“Comem banana e fazem barulhos estranhos”

“Espécie social, que fica entre as árvores da uefs. Ficam concentrados em ambientes de alimentação humana”

“Os vejo direto pelos galhos da UEFS, sei que gostam de roubar alimentos, bastante curiosos, bem rápidos.”

“São parentes próximos dos macacos, engraçados e amam roubar comidas kkk”

De acordo com as respostas, foi possível perceber que a maioria das percepções dos frequentadores acerca dos saguis está vinculada diretamente ao comportamento e à alimentação. Alguns mencionaram que esses animais se aproximam dos seres humanos quando estes estão comendo ou com algum tipo de alimento na mão. Furtos de alimentos também são mencionados:

“É responsável por roubar minha comida”

“Macaquinhos comuns em lugares com árvores, interagem com humanos quando tem comida envolvida kkkk”

“Não sei muito sobre esses animais. Mas sei que se afastam quando nos aproximamos, com a exceção se alguém estiver com algum alimento na mão.”

“Primatas, andam em bandos, costumam se aproximar de quem está se alimentando”

“Que se vc vacilar eles roubam sua comida”

“São primatas e pedem lanches na UEFS.”

Esse tipo de comportamento e aproximação humano-animal pode estar intimamente relacionado ao fornecimento de alimentos por parte dos frequentadores (Figura 2). Garrido de Paula *et al.* (2005) relataram que a aproximação de primatas não-humanos às áreas onde há a presença humana deve-se, principalmente, ao ato de se oferecer recursos alimentares a eles, fato este que pode atuar afetando os padrões naturais de forrageamento dos grupos, visto que os alimentos oferecidos se tornam fontes mais atrativas e fáceis de serem adquiridas.



Figura 2: Indivíduos de *C. jacchus* se alimentando em uma das lanchonetes do *Campus* com item oferecido pelos frequentadores.

Fonte: fotografia do acervo pessoal da autora.

Participantes da pesquisa também mencionaram que os saguis costumam procurar alimentos em locais onde há a disposição de restos de alimentos antropogênicos, como lixeiras: “Ama virar os lixos”. O mesmo também foi observado e registrado durante a primeira fase da pesquisa (Figura 3). Os itens encontrados nesses locais, normalmente, encontram-se contaminados, adulterados ou em baixo estado de conservação, logo, a sua ingestão pode gerar tanto alterações nas suas funções gastrointestinais, quanto no seu sistema imunológico (Forthman-Quick, 1988, Sabbatini *et al.*, 2006; Nery *et al.*, 2024). Percebe-se aqui há a necessidade de rever os coletores de resíduos que estão dispostos pelo *Campus* da universidade, os quais poderiam ser substituídos por coletores de resíduos fechados, evitando assim a proliferação de animais vetores de doenças e a contaminação dos saguis.



Figura 3: Indivíduos de *C. jacchus* se alimentando de restos de alimentos presentes em lixeiras da UFES. **Fonte:** fotografias do acervo pessoal da autora.

Além disso, o fato desses animais serem constantemente encontrados nesses locais passa a ideia de que precisam ser alimentados, como relatado por um dos participantes: “São animais, carentes de alimentação”. De acordo com Sabbatini *et al.* (2006), essa falta de conhecimento sobre a ecologia alimentar e o sentimento de afeição despertado por estes animais, muitas vezes, aumenta o interesse em alimentá-los.

Outro ponto notável a ser destacado nas respostas é que muitos se referiram aos saguis utilizando adjetivos como “fofos, engraçados e espertos”. Essa caracterização os torna mais atrativos, o que, geralmente, leva a um sentimento de posse e desejo em obtê-los como animais de estimação, o que, por sua vez, torna mais comum e permissivo o tráfico destes animais silvestres (Riley, 2006), atividade ilegal que oferece grave risco à biodiversidade e ao equilíbrio ecológico dos ecossistemas (Pereira; Dalla Nora, 2021). Esse fato foi relatado de acordo com as vivências e percepções de alguns frequentadores:

“Não sei muito a respeito, apenas os vejo sempre pelo campus da UFES e conheci pessoas que os criavam como animal doméstico.”

“São animais que vivem principalmente em árvores, comem frutas, são domesticáveis...”

“São animais dóceis quando domesticados, porém tem mania de morder.”

“São animais selvagens de pequeno porte mas que também são utilizados pelas pessoas como animal de estimação”

“São espécies de macacos que vivem em áreas abertas e de vegetação. Vivem em “bando/família”. Se alimentam de frutas e sementes e alguns casos são até domesticados.”

O tráfico e a domesticação desses animais podem acarretar sérios danos neuro-fisiológicos e afetar sua sobrevivência (Vantreels, *et al*, 2011). Segundo a Sociedade Brasileira de Primatologia (2021), os primatas são animais selvagens e sociais, por isso necessitam interagir com outros animais da mesma espécie para estimular o seu comportamento natural. Quando são encontrados em espaços inadequados, isolados dos seus grupos e com um excesso de humanização, tornam-se mais suscetíveis a desenvolver comportamentos depressivos e agressivos, acarretando no baixo grau de bem-estar animal (SBP, 2021; Cunha *et al.*, 2022). Essa relação humano-animal também pode trazer riscos relacionados ao compartilhamento de doenças como herpes, raiva e hepatites (Kindlovits, A.; Kindlovits, L., 2009; Aguiar *et al*, 2011; SBP, 2021). Ainda de acordo com as respostas subjetivas, alguns integrantes mencionaram a importância dos primatas para a detecção da circulação de certas doenças, como a febre amarela:

“Energéticos, curiosos, dispersores, ajuda na alerta de doenças”

“Os saguis não transmitem o vírus da febre amarela. Eles são vítimas. Na verdade fazem o papel de "sentinela", ao serem contaminados, alertando para o surgimento da doença na região.”

“Que são indicadores de doenças, são importantes para o ambiente.”

Apenas um integrante se referiu aos saguis como transmissores da febre amarela e outros relataram que os saguis são transmissores de algumas doenças, mas não especificaram quais. Segundo De Souza Fialho *et al* (2012), epizootias letais, como a da febre amarela, consistem em uma das principais ameaças aos primatas não humanos no Brasil. Esta ameaça, por sua vez, não consiste apenas na morte por contaminação, mas também por agressões e envenenamentos originados através do medo e das crenças populacionais que associam e responsabilizam esses animais pelos picos epidêmicos dessas doenças infecciosas (Carneiro, 2023). É importante destacar que esses animais atuam como sentinelas, ou seja, sinalizam que o vírus da febre amarela se encontra circulando em uma determinada região, sendo vítimas assim como humanos (Romano *et al*, 2011; Moreno, 2013; Carneiro; Petter-Brewer, 2021). Por fim, outras citações alertando sobre a possibilidade de ameaças aos saguis no *Campus* universitário também foram mencionadas pelos participantes:

“Eu acho que a população dele diminuiu muito aqui, devido aos cachorros que matam, fiação elétrica e construção dos prédios, falta da mata pra eles...””

“Geralmente vejo em fios de alta tensão”

O aumento da população de cães e gatos abandonados dentro do *Campus*, a exposição à fiação elétrica, facilitando a ocorrência de choques, a expansão das construções e a ampliação de vias dentro da UEFS são tidas como constantes ameaças aos saguis no *Campus*. Essas ameaças tornam evidente que ações de fiscalização e controle populacional de animais domesticados, necessitam ser adotadas pela gestão universitária. A priorização do bem-estar desses primatas para garantir a preservação dos serviços ecossistêmicos prestados por estes dentro do *Campus* se mostra, assim, necessária e urgente.

Os participantes foram questionados de forma objetiva sobre a alimentação dos saguis (Gráfico 2). As respostas revelam um desconhecimento significativo quanto ao consumo de exsudato (goma) por esses animais, com a maioria assumindo que sua dieta se restringe a frutos e folhas. Além disso, observa-se que uma parcela considera a banana como o principal alimento consumido pelos saguis.

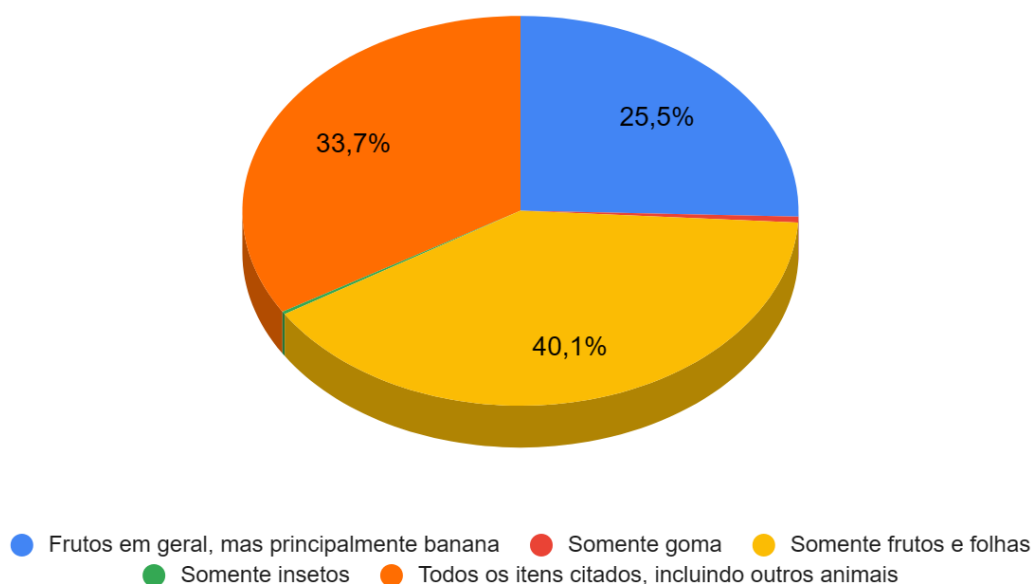


Gráfico 2: gráfico referente à pergunta: “Na sua opinião, do que os saguis se alimentam?” presente no formulário.

É perceptível que os primatas não humanos continuam sendo associados ao consumo de banana. Suspeita-se que essa associação tenha sido originada nos quadrinhos de Curious George em 1939, sendo posteriormente adaptada em filmes e desenhos animados de televisão (SBP, 2021). De acordo com a Sociedade Brasileira de Primatologia, a banana selvagem é diferente daquela que é constantemente associada aos primatas não humanos, sendo essa última um fruto modificado por seleção artificial com

um elevado nível calórico, podendo causar cáries e diabetes a esses animais (Casagrande *et al.*, 2013; SBP, 2021).

Ao questionar se os participantes acreditavam que o ato de alimentar os saguis era benéfico para a saúde do animal (Gráfico 3), podemos perceber que para a maioria dos participantes, a ideia de oferecer alimentos mais naturais, como frutas, não torna esse hábito um problema.

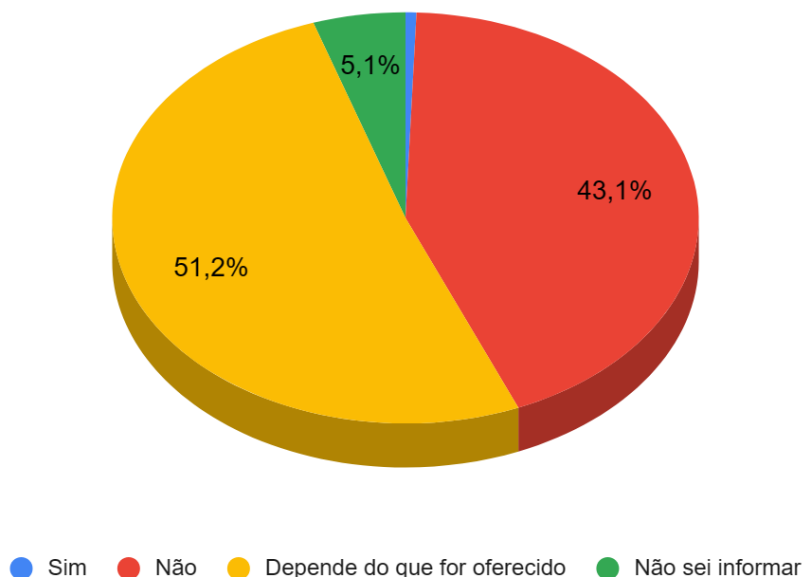


Gráfico 3: gráfico referente a pergunta: “Na sua opinião, o ato de alimentar os saguis é benéfico para saúde do animal?” presente no formulário.

Ao serem questionados sobre qual local do *Campus* eles encontravam os saguis com maior frequência (Gráfico 4), os participantes puderam assinalar mais de uma alternativa. Analisando a organização espacial do *Campus* e as respostas obtidas, pode-se pressupor que esses animais são frequentemente encontrados próximos aos locais onde os frequentadores costumam se alimentar, como as lanchonetes e o Restaurante Universitário (RU), assim como em locais onde há lixeiras fixas, como nos módulos e nos pontos de ônibus, sendo também esses os locais onde, provavelmente, há uma maior interação humano-animal dentro do *Campus*.

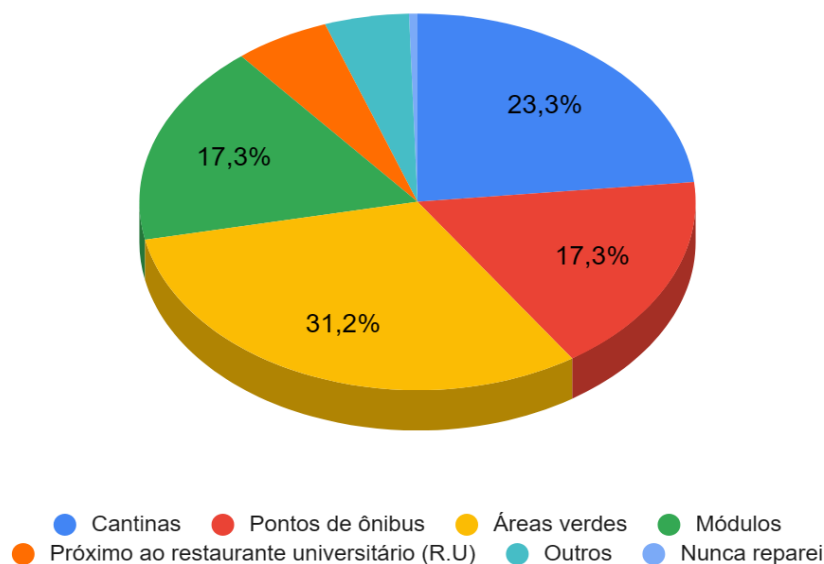


Gráfico 4: gráfico referente a pergunta: “Em qual/quais* destes locais da universidade você encontra os Saguis com mais frequência?” presente no formulário.

Diante das respostas, pode-se observar uma possível mudança no padrão natural de locomoção e forrageamento dos grupos. Pode-se inferir que essa mudança se deva ao fato desses animais encontrarem, nos locais onde há a presença de alimentos antropogênicos, uma oferta mais rápida e atrativa destes, o que pode tornar esses indivíduos dependentes dessa condição (Saito *et al.* 2010).

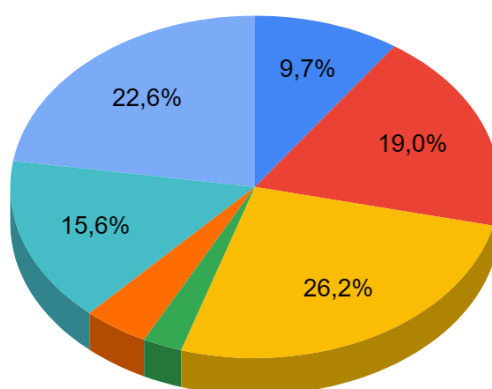
Durante a primeira fase deste estudo, foi possível perceber que alguns frequentadores, principalmente funcionários da instituição, sempre disponibilizam, para os grupos de saguis, alimentos antropogênicos em local pré-estabelecido/fixo em determinados horários do dia (Figura 4). A universidade, no entanto, deve instruir esses funcionários a evitar tais práticas, pois essa alimentação inadequada interfere nos hábitos alimentares naturais dos saguis e pode prejudicar sua saúde e bem-estar, causando problemas nutricionais, dependência de alimentos fornecidos pelos humanos e alterações no comportamento natural da espécie.

Os primatas despendem a maior parte do seu tempo à locomoção, e segundo a Sociedade Brasileira de Primatologia (2021), o ato de fornecer alimentos, constantemente e em locais fixos, faz com que esses animais associem essa oferta de comida a um único local, o que pode gerar sedentarismo, resultando em ganho de peso e problemas de saúde nutricional.



Figura 4: Indivíduos de *C. jacchus* se alimentando de alimentos antropogênicos oferecidos/deixados pelo *Campus*. **Fonte:** fotografias do acervo pessoal da autora.

As atitudes e observações dos participantes da pesquisa quanto ao oferecimento e furto de alimentos dentro do *Campus* também foram verificadas (Gráfico 5). Entre os participantes que responderam que já ofereceram ou tiveram algum tipo de alimento furtado pelos saguis, foi averiguado, através de perguntas subjetivas, o que foi oferecido/furtado. De acordo com as respostas, foi possível perceber que a maioria dos alimentos oferecidos e furtados são frutas (principalmente banana), salgados que são vendidos nas lanchonetes da universidade, pão, biscoitos, doces e industrializados. Na primeira etapa da pesquisa, esses animais foram facilmente encontrados se alimentando com alguns desses itens alimentares mencionados pelos frequentadores (Figura 5). As respostas aqui obtidas dão suporte às análises e observações feitas durante a pesquisa e direcionam as ações educativas aqui propostas.



● Já ofereci alimento ● Nunca ofereci alimento ● Já presenciei alguém alimentando
● Nunca observei alguém alimentando ● Já tive algum alimento furtado
● Nunca tive alimento furtado ● Já observei saguis se alimentando de restos de alimentos

Gráfico 5: gráfico referente à pergunta “Com qual/quais* das opções você se identifica?” presente no formulário.

Revbea, São Paulo, São Paulo, V. 20, Nº 2: 374-396, 2025.



Figura 5: Indivíduos de *C. jacchus* se alimentando de alimentos antropogênicos.
Fonte: fotografias do acervo pessoal da autora.

Também foi possível perceber que mesmo que alguns participantes acreditem que oferecer alimentos industrializados não seja benéfico para a saúde dos saguis, os mesmos ainda os alimentam:

“Banana. Sei que biscoitos etc dão cárie e podem causar queda de dentes, seguido da morte do bicho por inanição”

“sei que estou errado kkk ,mas goiabada, banana e mamão.”

É importante mencionar que uma grande parte desses alimentos oferecidos, encontrados ou furtados eram “restos”:

“Eu so vi ele comendo aimpim cozido de um prato que foi deixado em cima da mesa da cantina”

“Roubaram meu beijú”

“Um pedaço de banana que comi no RU”

Essa característica coloca esses animais em um risco ainda maior, visto que esses alimentos podem conter a presença da saliva humana contaminada pelo vírus da herpes (*Herpesvirus hominis* e *Herpesvirus simples*), o que pode ser fatal para os grupos de calitriquíneos (Kindlovits, A.; Kindlovits, L., 2009).

Por fim, também foi questionado aos participantes da pesquisa se os mesmos se sentiam incomodados com a presença dos saguis dentro do *Campus*, 92% dos participantes responderam que não se sentiam incomodados, enquanto 4% respondeu que se sentia incomodado. Entre os que responderam que se sentiam incomodados (4%), foi questionado o motivo

para tal sensação. Diante da indagação, foi possível perceber que os participantes sentem medo de serem atacados pelos saguis quando estão com alimento em mãos:

“Fico com receio de pularem em cima de mim quando tô comendo alguma coisa”

“Tenho um pouco de medo quando eles se aproximam muito (em bando, principalmente) para conseguirem algum alimento, porque eles estão acostumados a receberem ou furtarem. Fora isso acho que são fofinhos, principalmente os filhotes.”

Algumas pessoas que responderam o questionário também demonstraram ficar receosas quanto à transmissão de doenças:

“Acho que podem transmitir doenças, como ratos ou pombos”

De acordo com as respostas obtidas, foi possível perceber que os incômodos mencionados pelos participantes são referentes aos seus medos e receios. Esses sentimentos, por sua vez, encontram-se relacionados diretamente com a alimentação, visto que esses animais foram acostumados a serem constantemente alimentados pelos frequentadores e podem apresentar comportamentos agressivos quando tal alimento é recusado. Também foi possível perceber que há certa preocupação quanto à transmissão de zoonoses, o que reforça novamente a necessidade de que as ações de Educação Ambiental sejam implementadas urgentemente dentro do *Campus*.

Propostas de ações educativas

Diante do que foi discutido, torna-se evidente a importância de que a universidade adote medidas mitigadoras de impacto provenientes da relação humano-animal dentro do *Campus*, assegurando assim a saúde e o bem-estar de todos. Algumas das ações aqui sugeridas também terão efeitos positivos sobre outros animais que convivem e/ou interagem com os frequentadores do *Campus*.

Desse modo, a análise de percepção ambiental realizada com os frequentadores e ex-frequentadores do *Campus* sugere que materiais instrutivos objetivando a Educação Ambiental sejam produzidos e distribuídos pela universidade. Dentre estes, sugere-se: (a) Elaboração e distribuição de cartilhas ilustrativas contendo as espécies de calitriquíneos que podem ser encontradas dentro do *Campus* junto às suas características e informações gerais; (b) Elaboração e fixação de banners informativos sobre o descarte de

resíduos sólidos e os impactos do descarte incorreto sob a fauna presente no *Campus*; (c) Instalação de placas instrutivas, em pontos estratégicos, informando sobre os riscos do aprovisionamento de alimentos e estímulo a não oferta de alimentos; (d) Propor diálogos, palestras, mesas-redondas, que discutam e esclareçam as diversas temáticas que possam gerar riscos a manutenção e preservação dos saguis; (e) Troca das lixeiras abertas, nas quais os animais podem buscar itens alimentares livremente, por coletores de resíduos fechados, evitando assim o contato desses animais com os alimentos antropogênicos, bem como uma possível contaminação; (f) Ações que visem o controle das populações de cães e gatos, como o aumento na fiscalização de solturas e abandonos indevidos e campanhas de adoção. Estas ações, sendo implementadas concomitantemente e de forma integrada, devem garantir a sobrevivência destes animais a partir do momento que mitiga impactos da pressão exercida pela expansão do *Campus*.

Conclusão

A aproximação da fauna silvestre aos ambientes urbanos pode desencadear uma série de intercorrências a esses animais. As interferências humanas na dieta, por exemplo, tornam-se uma das principais ameaças à saúde e ao bem-estar dos primatas do gênero *Callithrix*. Esse tipo de interferência afeta não só a saúde e o comportamento dos animais, mas também facilita a transmissão de zoonoses aos seres humanos. Diante desse fato e do que foi discutido neste estudo, podemos notar que há uma possível interferência dessa ação no comportamento dos grupos, sendo estes vistos com uma maior frequência em locais onde possam adquirir alimentos com mais facilidade.

Além disso, o desconhecimento sobre os efeitos da interferência humana na dieta dos saguis, bem como sobre sua ecologia alimentar e comportamental, leva à percepção equivocada de que esses animais carecem de recursos alimentares, o que estimula ainda mais a alimentação direta por parte dos humanos. Outro ponto relevante identificado neste estudo é a presença de crenças populares relacionadas à domesticação desses primatas e à transmissão de doenças. As percepções sobre a transmissão de zoonoses, como a febre amarela, estão presentes na comunidade universitária, mas necessitam de maior aprofundamento quanto ao nível de conhecimento e impacto dessas crenças. Dessa forma, antecipando-se aos potenciais problemas decorrentes dessa relação, ações educativas tornam-se fundamentais para promover uma relação humano-fauna mais equilibrada e consciente dentro do campus.

Referências

- ABREU, F.; DE LA FUENTE, M. F.; C., SCHIEL, N.; SOUTO, ecology and behavioral adjustments: flexibility of a small neotropical primate (*Callithrix jacchus*) to survive in a semiarid environment. **Mammal Research**, v. 61, p. 221–229, 2016.
- AGUIAR, T. D. de F.; COSTA, E. C.; ROLIM, B. N.; ROMIJN, P. C.; MORAIS, N. B. de; TEIXEIRA, M. F. da S. Risco de transmissão do vírus da raiva oriundo de sagui (*Callithrix jacchus*), domiciliado e semidomiciliado, para o homem na região metropolitana de Fortaleza, Estado do Ceará. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 44, n. 3, p. 356-363, 2011.
- ALMEIDA, C. A. Biodiversidade e as estratégias de manejo para conservação de espécies ameaçadas de extinção na Amazônia. In: **Reflexões em Biologia da Conservação**, v. 2, cap. 16, p. 254, Belém, Pará, 2020.
- ANDRADE, H. O.; SANTOS, R. L.A. Condição termal em Feira de Santana-Ba: uma análise do conforto térmico. In: ***UFMT. VII Simpósio de Climatologia Geográfica***, Rondonópolis - MT: UFMT, 2006.
- ARTIGAS, N. A. S.; FISCHER, L. M. Limitações no cativeiro quanto a promoção de bem-estar em primatas na percepção do visitante do zoológico de Curitiba. **Revbea**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 49-68, 2019.
- AURICCHIO, P. **Primatas do Brasil**. São Paulo: Terra Brasilis, 1995.
- CARNEIRO, A. L.; PETTAN-BREWER, C. One Health: Conceito, História e Questões Relacionadas – Revisão e Reflexão. In: **Pesquisa em Saúde & Ambiente na Amazônia: Perspectivas para Sustentabilidade Humana e Ambiental na Região**. Editora Científica Digital Ltda., ed. 1, v. 1, cap. 13, p. 220, 2021.
- CARNEIRO, D. J. Febre amarela pode acelerar extinção de macacos ameaçados. In: **BBC Brasil**. 29 de maio de 2017. Disponível em: BBC News Brasil. Acesso em: 13 de mai. 2023.
- CASAGRANDE, R. A.; SILVA, T. C. E. da; PESCADOR, C. A.; BORELLI, V.; SOUZA Jr, J. C.; SOUZA, E. R.; TRAVERSO, S. D. Toxoplasmose em primatas neotropicais: estudo retrospectivo de sete casos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 33, n. 1, p. 94-98, 2013.
- CUNHA, A. A.; VIEIRA, M. V. Present and Past Primate Community of the Tijuca Forest, Rio de Janeiro, Brazil. **Neotropical Primates**, v. 12, n. 3, p. 153-154, 2004.
- CUNHA, E. Z. F.; CURY, B. Z.; CUNHA, J. S. F.; GENARO, G. Maus-tratos aos animais: expressão de sinais, carga alostática, consequências psiquiátricas e o direito à existência digna. **Conjecturas**, v. 22, n. 13, p. 872-889, 2022.

DE SOUZA FIALHO, M.; PRINTES, R. C.; DE ALMEIDA, M. A. B.; LAROQUE, O. P.; DOS SANTOS, E.; JERUSALINSKY, L. Avaliação do impacto da epizootia de Febre Amarela sobre as populações de primatas não humanos nas unidades de conservação do Rio Grande do Sul, Brasil. **Biotemas**. v. 25, n. 3, p. 217-225, 2012.

DA SILVA, H. P. The importance of forest fire prevention activities: environmental education as a tool for forest fire prevention in canaã dos carajás. **Revista Gênero e Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 05, p. 204-227, 2024.

FOREST DECLARATION ASSESSMENT PARTNERS. Resumo para Formuladores de Políticas: Avaliação da Declaração Florestal de 2024. **Climate Focus** (coordenador e editor), 2024. Acessível em www.forestdeclaration.org

FORTHMAN-QUICK, D. L. Activity budgets and the consumption of human food in two troops of baboons, *Papio anubis*, at Gilgil, Kenya. In: ELSE, J. G.; LEE, P. C. (Ed.). **Primate Ecology and Conservation**. Cambridge-UK: Cambridge University Press, p. 221-228, 1986.

FRANCISCO, T. M.; SILVA, I. de O.; BOERE, V. Exsudativoria em saguis do gênero *Callithrix*. **Natureza on line**, v. 13, n. 5, p. 220-228, 2015.

GARRIDO DE PAULA, H. M., TÁVORA, R. S., ALMEIDA, M. V., PELEGRINI, L.S., SILVA, G.V., ZAGANINI, R.L. & LUCINDO, A. Estudos preliminares da presença de saguis no Município de Bauru, São Paulo, Brasil. **Neotropical Primates**. v. 13, n 3, p. 6-11, 2005.

GIL, A. C. Métodos e técnica de pesquisas sociais. **Atlas**: São Paulo. ed. 6, 2008.

KINDLOVITS, A.; KINDLOVITS, L. M. Fundamentos de Fisiologia em Primatas Neotropicais. **Clínica e Terapêutica em primatas neotropicais**, 2. ed. Rio de Janeiro: L. F. Livros, 2009.

MAGNUS, L. Z; CACERES, C. Efeito do tamanho de área sobre a riqueza e composição de pequenos mamíferos da Floresta Atlântica. **Mastozoologia Neotropical**, v. 19, n. 2, p. 163-178, 2012.

MALUKIEWICZ, J.; BOERE, V.; BORSTELMANN DE OLIVEIRA, M. A.; D'ARC, M.; FERREIRA, J. V. A.; FRENCH, J.; HOUSMAN, G.; IGAYARA DE SOUZA, C.; JERUSALINSKY, L.; DE MELO, F. R.; VALENÇA-MONTENEGRO, M. M.; MOREIRA, S. B.; SILVA, I. O.; PACHECO, F. S.; ROGERS, J.; PISSINATTI, A.; DEL ROSARIO, R. C. H.; ROSS, C.; RUIZ-MIRANDA, C. R.; PEREIRA, L. C. M.; SCHIEL, N.; RODRIGUES DA SILVA, F. F.; SOUTO, A.; ŠLIPOGOR, V.; TARDIF, S. An introduction to the *Callithrix* genus and overview of recent advances in marmoset research. **ILAR Journal**, v. 62, n. 1, p. 28–42, 2021.

MORENO, E. S. Yellow fever epizootics in non-human primates, São Paulo state, Brazil, 2008-2009. **Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 55, p. 45-50, 2013.

NERY, N. de A.; FRIAÇA, J. O.; FREITAS, C. T. A. de; BOTELHO, M. C. A.; MORAIS, M. F. S. de; BRAGA, J. G. C.; ALVARENGA, S. L. Lixões e os impactos causados à saúde das famílias que residem em seu entorno: uma revisão literária. **Brazilian Journal of Health Review**, [s. i.], v. 7, n. 2, p. 68-108, 2024.

OLIVEIRA, J. C. P.; OLIVEIRA, A. L.; MORAIS, F. A. M.; SILVA, G. M.; SILVA, C. N. M. O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. In: **III Congresso Nacional de Educação**, v. 40, n. 2, p. 1-13, 2016.

PASSAMANI, M.; RYLANDS, A. B. Feeding behavior of Geoffroy's marmoset (*Callithrix geoffroyi*) in an Atlantic forest fragment of south-eastern Brazil. **Primates**, v. 41, n. 1, p. 27-38, 2000.

PEREIRA, A. A.; DALLA NORA, G. Reflexões sobre o tráfico de animais silvestres no estado de Mato Grosso-Brasil. **Biodiversidade**, v. 20, n. 2, 2021.

PINHEIRO, E.A, ROBERTO, J.C.A, SOUTO, S.P., LIMA, S.C. Impactos ambientais na fauna silvestre causado pelo crescimento urbano da cidade de Manaus-AM. **Revista e Gestão e Secretariado**, v.14, n. 5, p.8622–8634, 2023.

PINTO, A. L. M. F. T. **Levantamento clínico e radiológico da prevalência de doenças dentárias em primatas no Parque Zoológico de Goiânia**. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Ciência Animal) - Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. Ameaças à diversidade biológica. **Biologia da conservação**, [s. v.], cap. 2, p. 121-127, 2001.

RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA, D. A. S. Fragmentação de Ecossistemas: Causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas. Brasília: **Ministério do Meio Ambiente**, Secretaria de Biodiversidade e Florestas. 2. ed., 2003.

REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; BATISTA, C. F.; ROSA, G. L. M. Primatas do Brasil: guia de campo. Rio de Janeiro: **Technival Books Editora**, 2015.

RYLANDS, A. B.; COIMBRA-FILHO, A. F.; MITTERMEIER, R. A. The Systematics and Distributions of the Marmosets (*Callithrix*, *Callibella*, *Cebuella*, and *Mico*) and Callimico (*Callimico*) (Callitrichidae, Primates). In: Ford, S. M., Porter, L. M., Davis, L. C. **The Smallest Anthropoids. Developments in Primatology: Progress and Prospects**. Boston, Springer, 2009

RILEY, E. P. Ethnoprimatology: toward reconciliation of biology and cultural anthropology. **Ecological and Environmental Anthropology**, v. 2, n. 2, p. 75-86, 2006.

Revbea, São Paulo, São Paulo, V. 20, Nº 2: 374-396, 2025.

ROMANO, A. P. M.; RAMOS, D. G.; ARAÚJO, F. A. A.; SIQUEIRA, G. A. M.; RIBEIRO, M. P. D.; LEAL, S. G.; ELKHOURY, A. N. M. S. Febre amarela no Brasil: recomendações para a vigilância, prevenção e controle. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 101 -106, 2011.

SABBATINI, G.; STAMMATI, M.; TAVARES, M. C. H.; GIULIANI, M. V.; VISALBERGHI, L. Interactions between humans and capuchin monkeys (*Cebus libidinosus*) in the Parque Nacional. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 97, p. 272–283, 2006.

SAITO, C. H., Brasileiro, L.; DE ALMEIDA, L. E.; TAVARES, M. C. H. Conflitos entre macacos-prego e visitantes no Parque Nacional de Brasília: possíveis soluções. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n. 3, p. 515–524, 2010.

SECCO, H.; GRILO, C.; BAGER, A. Habitat selection by the black-tufted marmoset *Callithrix penicillata* in human-disturbed landscapes. **Journal of Tropical Ecology**, v. 34, n. 2, p. 1-10, 2018.

SILVA, G. M.; VERÍSSIMO, K. C. S.; BORSTELMANN, M. A. O. Orçamento das atividades diárias de dois grupos de *Callithrix jacchus* em área urbana. **Revista de Etologia**, v. 10, n. 2, p. 57-63, dez. 2011.

Silva, M. A. F.; Verona, C. E., Conde, M.; Pires, A. S. Frugivory and potential seed dispersal by the exotic-invasive marmoset *Callithrix jacchus* (Primates, Callitrichidae) in an urban Atlantic Forest, Rio de Janeiro, Brazil. **Mammalia**, v. 82, n. 4, p. 343-349, 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PRIMATOLOGIA (SBP). “**Macaco não é pet**”: **uma campanha feita por especialista**, Guapimirim, RJ.: 1 ed., 2021.

TRAAD, R. M.; WECKERLIN, P. Introdução das espécies exóticas *Callithrix penicillata* (Geoffroy, 1812) e *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758) em ambientes urbanos (Primates: Callitrichidae). **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 2, n. 1, p. 9-23, 2012.

VALENÇA, M. M. **Afecções dentárias e periodontais em sagüis (*Callithrix jacchus* Linnaeus, 1758) de vida livre do campus da UFRPE, Recife - PE**. Dissertação (Mestrado em Ciência Veterinária). Pós-Graduação em Ciência Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. p. 50. 2002.

VANSTREELS, R. E. T., TEIXEIRA, R. H. F., CAMARGO, L. C., NUNES, A. L. V., BRAGA, F. R., NALI, C.; MATUSHIMA, E. R. Revisão das causas de mortalidade de primatas neotropicais (Primates: Platyrrhini) no Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros (Sorocaba, Brasil). **Clínica Veterinária**, v. 16, n. 90, 46-52, 2011.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Sagui no Campus

Olá! Este formulário faz parte da Pesquisa Monográfica de Conclusão de Curso da discente Gabrielly Gonçalves (Bacharelado em Ciências Biológicas) e é proposto a todos frequentadores da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, tendo como objetivo investigar a percepção ambiental da comunidade acadêmica em relação à existência dos Saguís/Micos dentro Campus.

* Todas as informações serão utilizadas academicamente, preservando o direito ao anonimato do participante.

Desde já, agradeço a sua participação!

E-mail para contato: gabisgbio@gmail.com

*Obrigatório

1. *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sou frequentador (a) ou ex frequentador da Universidade Estadual de Feira de Santana e estou ciente do objetivo da pesquisa. ACEITO participar.

☐ Não sou frequentador (a) da Universidade Estadual de Feira de Santana e/ou NÃO ACEITO participar.

2.

Idade: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Entre 16 e 20 anos

☐ Entre 21 e 30 anos

☐ Entre 31 e 45 anos

☐ Acima de 45 anos

3.

Sexo/Id. de Gênero: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Não - Binário

4.

Escolaridade: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Ensino fundamental

☐ Ensino médio

☐ Ensino superior

☐ Pós - graduação

5.

Qual a sua relação com a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)? * *Marcar apenas uma oval.*

☐ Estudante de Graduação/Pós Graduação *Pular para a pergunta 6*

☐ Ex- estudante de Graduação/Pós Graduação *Pular para a pergunta 6*

☐ Docente *Pular para a pergunta 7*

☐ Técnico-administrativo *Pular para a pergunta 7*

☐ Terceirizado *Pular para a pergunta 7*

☐ Visitante *Pular para a pergunta 7*

☐ Outro *Pular para a pergunta 7*

6.
Qual curso/semestre? *

Pular para a pergunta 7

7.
Em qual/quais* turnos você geralmente frequenta a universidade? **Marque todas que se aplicam.*

- ☐ Matutino
- ☐ Vespertino
- ☐ Noturno

Este é um primata da espécie *Callithrix jacchus* (alvo principal da nossa pesquisa), ele também é conhecido popularmente como "Sagui, Mico, Nico ou Macaquinho". Aqui iremos chamá-lo de "Sagui", ok?! obs: o nome da espécie não está em itálico pelo fato da plataforma não permitir.



8.
De modo geral, o que você sabe a respeito dos Saguis? *

9.
Na sua opinião, do que os Saguis se alimentam? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Frutos em geral, mas principalmente banana
- ☐ Somente frutos e folhas
- ☐ Somente Insetos
- ☐ Somente goma
- ☐ Todos os itens citados acima, incluindo outros animais
- ☐ Não sei informar

10.
Com qual/quais* das opções você se identifica? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Já ofereci alimento aos Saguis dentro do Campus
- ☐ Nunca ofereci alimento aos Saguis dentro do Campus
- ☐ Já presenciei alguém alimentando os Saguis dentro do Campus
- ☐ Nunca observei os Saguis sendo alimentados dentro do Campus
- ☐ Já tive algum alimento furtado pelos Saguis dentro do Campus
- ☐ Nunca tive alimento furtado pelos Saguis dentro do Campus
- ☐ Já observei Saguis se alimentando de restos de alimentos deixados no Campus

11.

Caso já tenha oferecido algum alimento aos Saguís, qual/quais foram? *

12.

Em qual/quais* destes locais da universidade você encontra os Saguís com mais frequência?

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Cantinas
- ☐ Pontos de ônibus
- ☐ Áreas verdes
- ☐ Módulos
- ☐ Próximo ao restaurante universitário (R.U)
- ☐ Outros
- ☐ Nunca reparei

13.

Na sua opinião, o ato de alimentar os Saguís é benéfico para saúde do animal? * *Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Depende do que for oferecido
- ☐ Não sei informar

14.

Você se sente incomodado com a presença dos saguís dentro do Campus? **Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim *Pular para a pergunta 15*
- ☐ Não

15.

Por que você se sente incomodado com a presença dos saguís no campus? *
